



*CENTRO DE APRENDIZAGEM EM
AVALIAÇÃO E RESULTADOS PARA
O BRASIL E A ÁFRICA LUSÓFONA*

O Economista e o Mercado de Trabalho

André Portela

EESP/FGV

João Pessoa, 12 de Agosto de 2019

Sumário

1. O Papel do Economista Visto por Economistas
2. O Mercado de Trabalho do Economista Através dos Censos Demográficos
3. O Futuro do Mercado de Trabalho

Keynes (1924) – Economista como uma combinação de Formação e Talentos

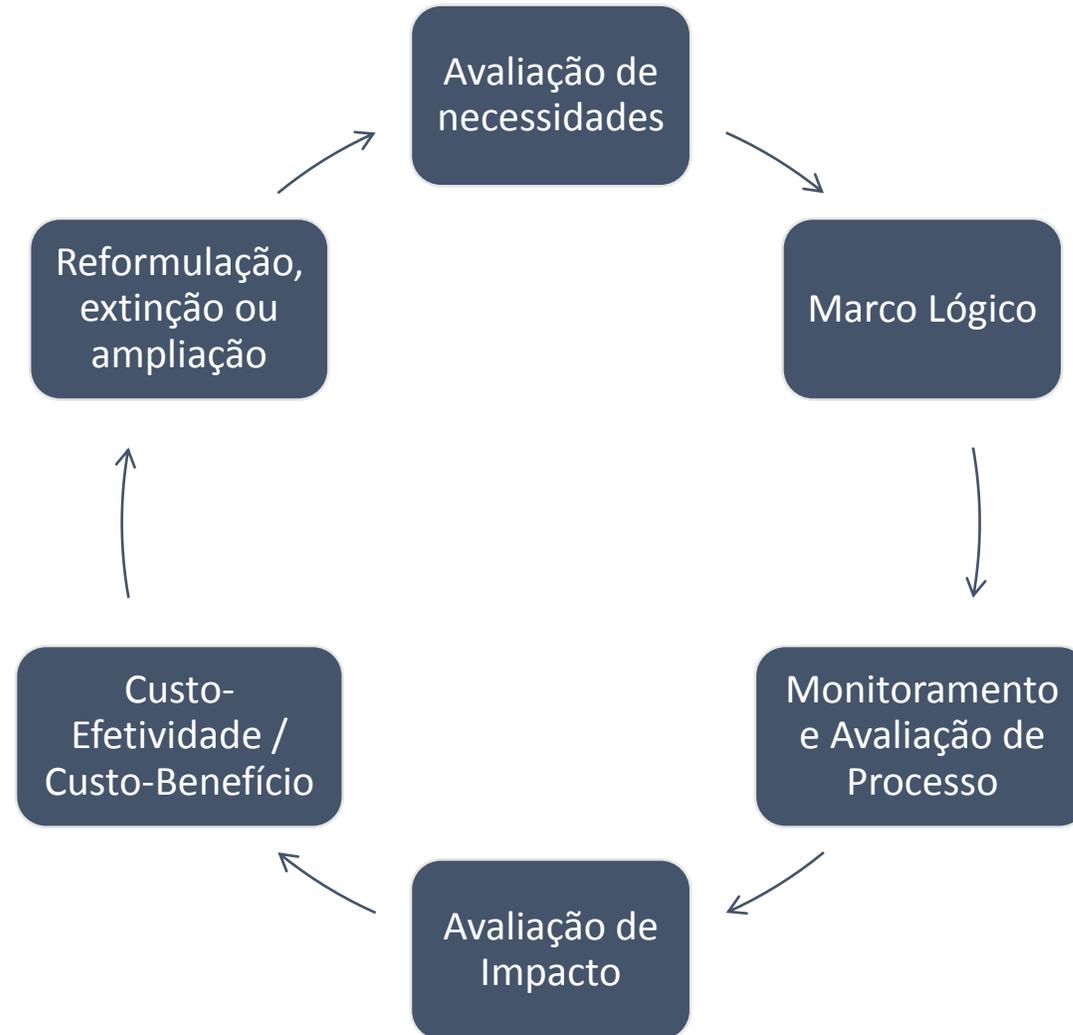
*“The study of economics does not seem to require any specialized gifts of an unusually high order. Is it not, intellectually regarded, a very easy subject compared with the higher branches of philosophy or pure science? An easy subject at which few excel! The paradox finds its explanation, perhaps, in that **the master-economist must possess a rare combination of gifts. He must be mathematician, historian, statesman, philosopher—in some degree.** He must understand symbols and speak in words. He must contemplate the particular in terms of the general and touch abstract and concrete in the same flight of thought. He must study the present in the light of the past for the purposes of the future. No part of man’s nature or his institutions must lie entirely outside his regard. He must be purposeful and disinterested in a simultaneous mood; as aloof and incorruptible as an artist, yet sometimes as near to earth as a politician.”* (Keynes 1924: 321-322)

Economists have lately been called upon not only to analyze markets, but to **design** them. Market design involves a responsibility for detail, a need to deal with all of a market's complications, not just its principle features. Designers therefore cannot work only with the simple conceptual models used for theoretical insights into the general working of markets. Instead, market design calls for an **engineering approach**. Drawing primarily on the design of the entry level labor market for American doctors (the National Resident Matching Program), and of the auctions of radio spectrum conducted by the Federal Communications Commission, this paper makes the case that experimental and computational economics are natural complements to game theory in the work of design. The paper also argues that some of the challenges facing both markets involve dealing with related kinds of complementarities, and that this suggests an agenda for future theoretical research.

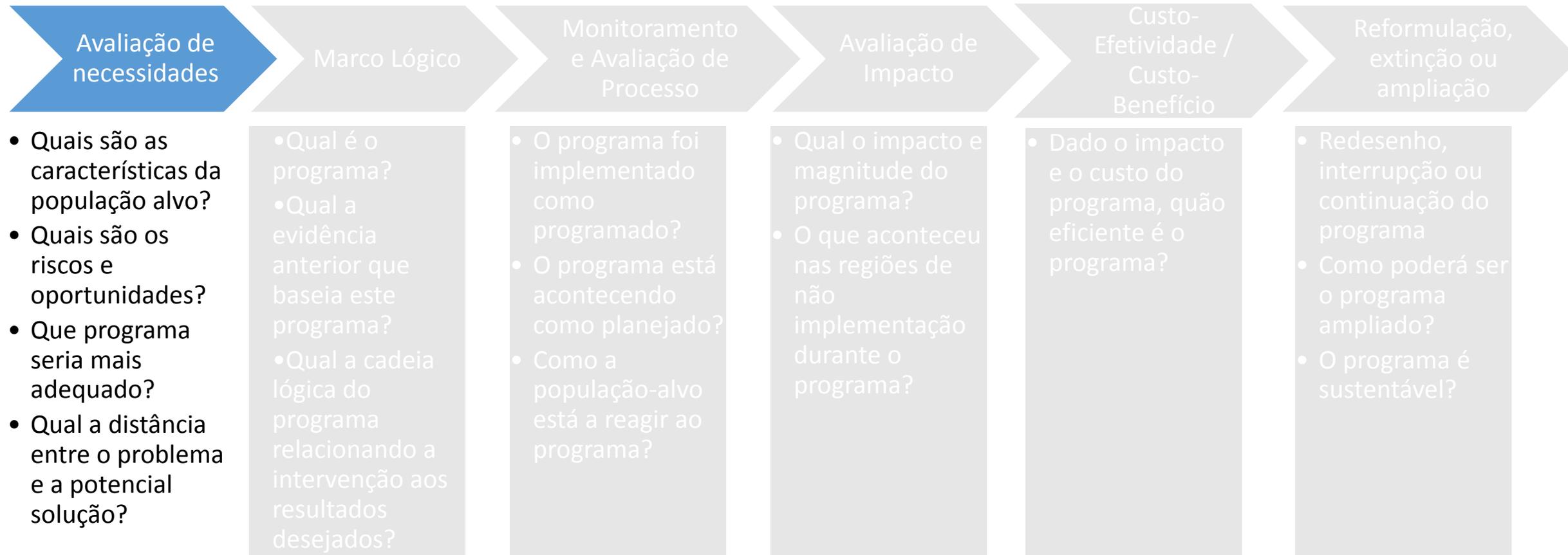
As economists increasingly help governments design new policies and regulations, they take on an added responsibility to engage with the details of policy making and, in doing so, to adopt the mindset of a **plumber**. Plumbers try to predict as well as possible what may work in the real world, mindful that tinkering and adjusting will be necessary since our models gives us very little theoretical guidance on what (and how) details will matter. This essay argues that economists should seriously engage with plumbing, in the interest of both society and our discipline.

Avaliação no Ciclo da Política

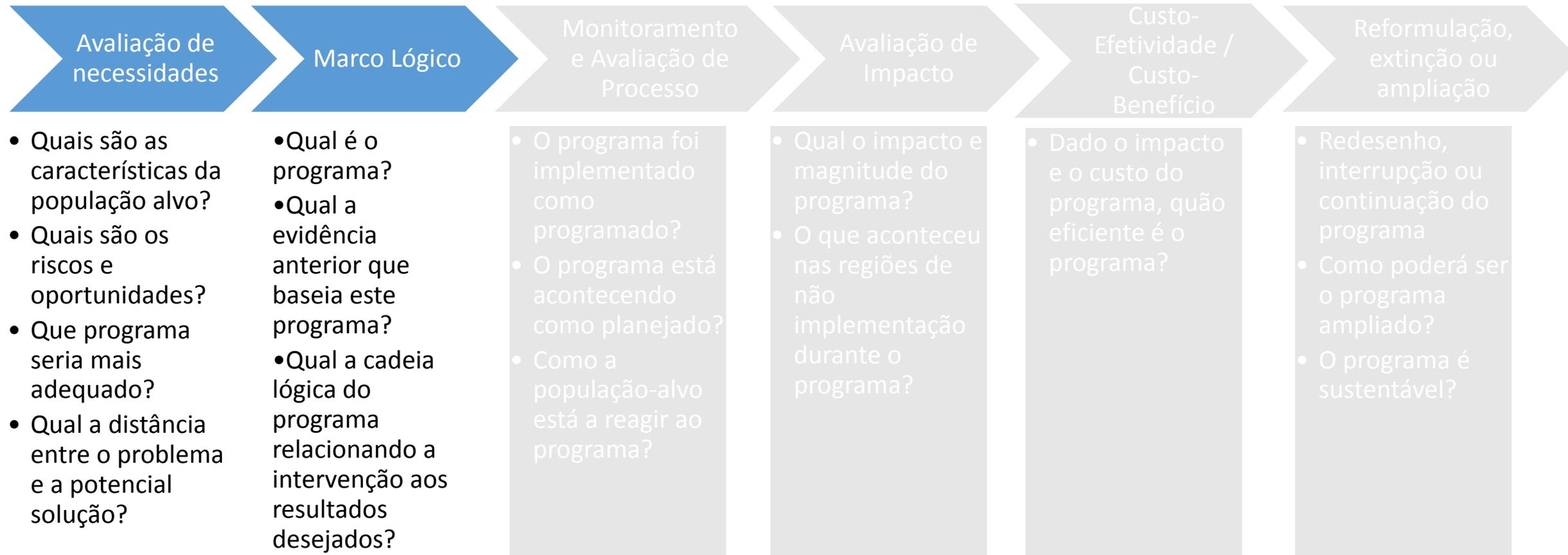
Avaliação no Ciclo da Política



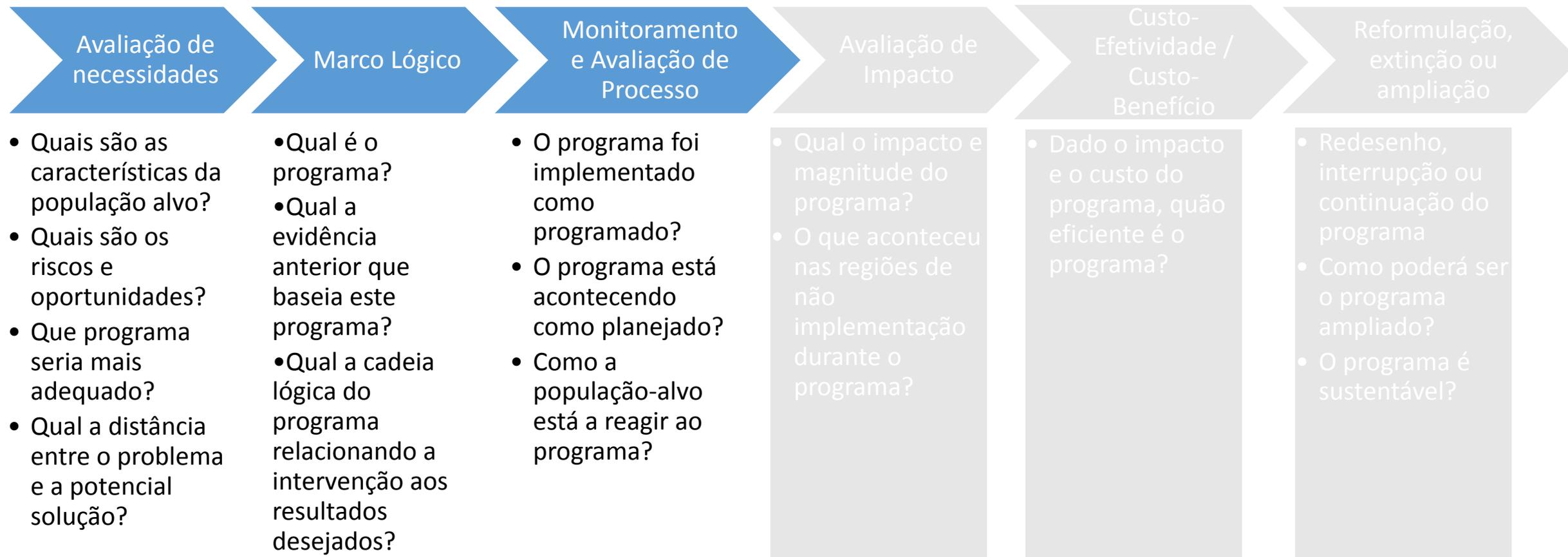
Avaliação no Ciclo da Política



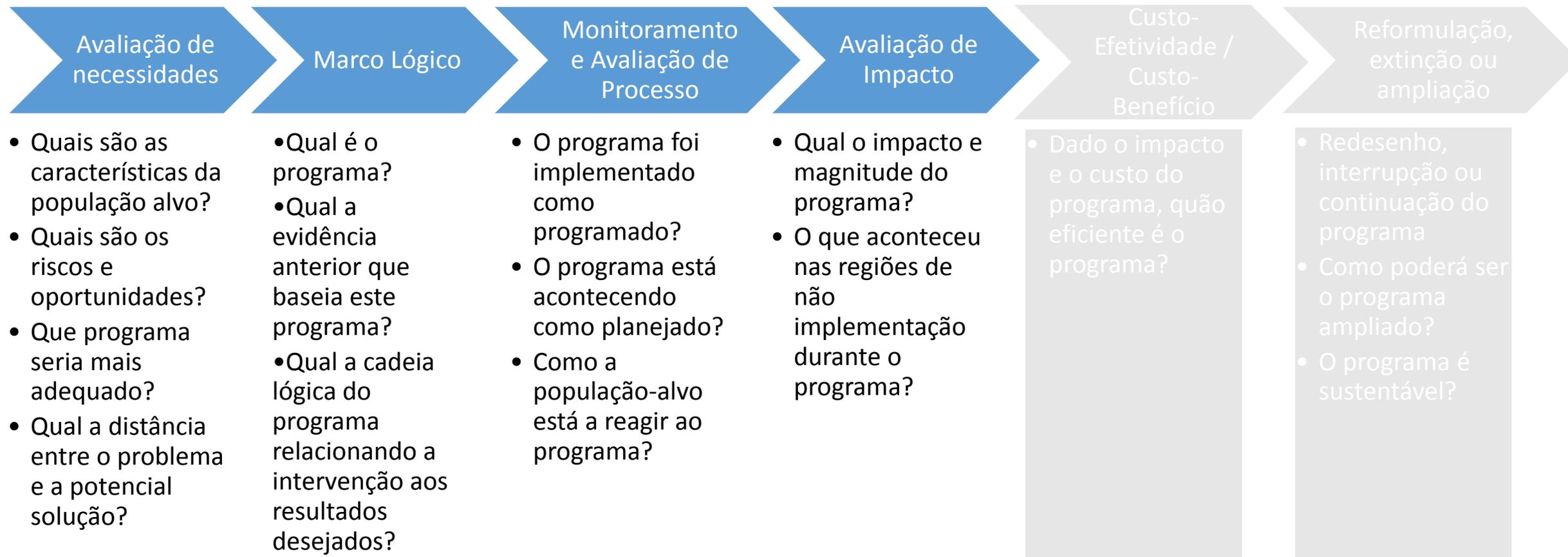
Avaliação no Ciclo da Política



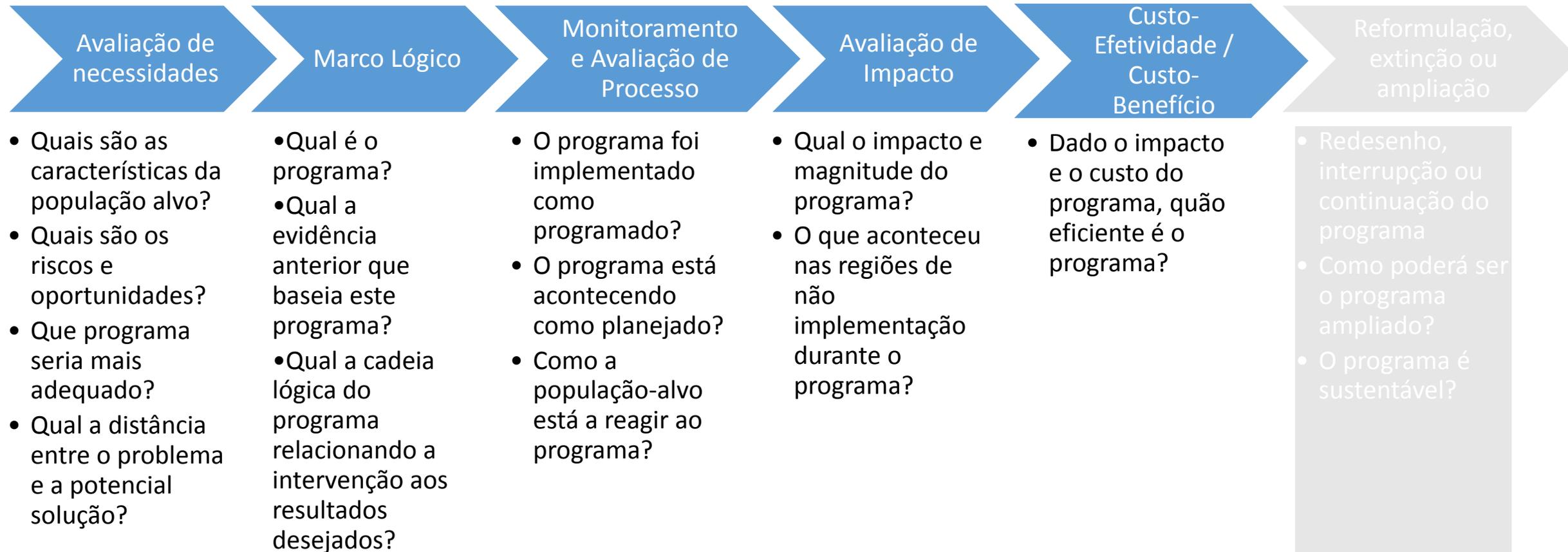
Avaliação no Ciclo da Política



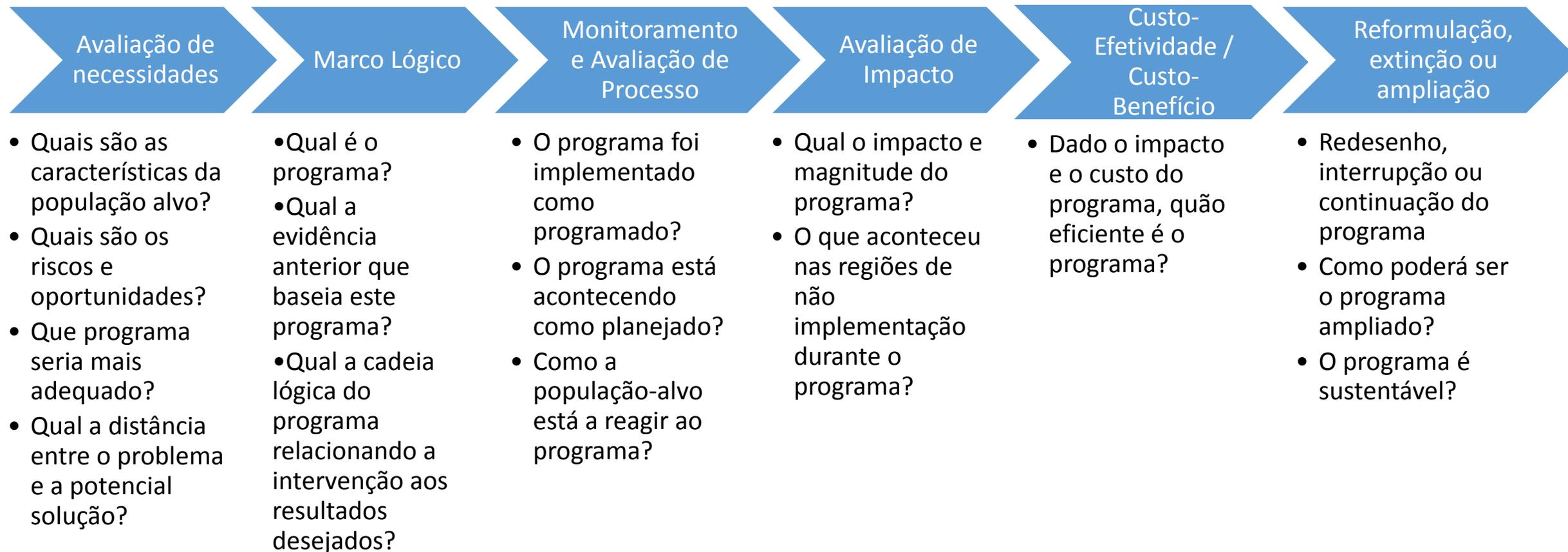
Avaliação no Ciclo da Política



Avaliação no Ciclo da Política

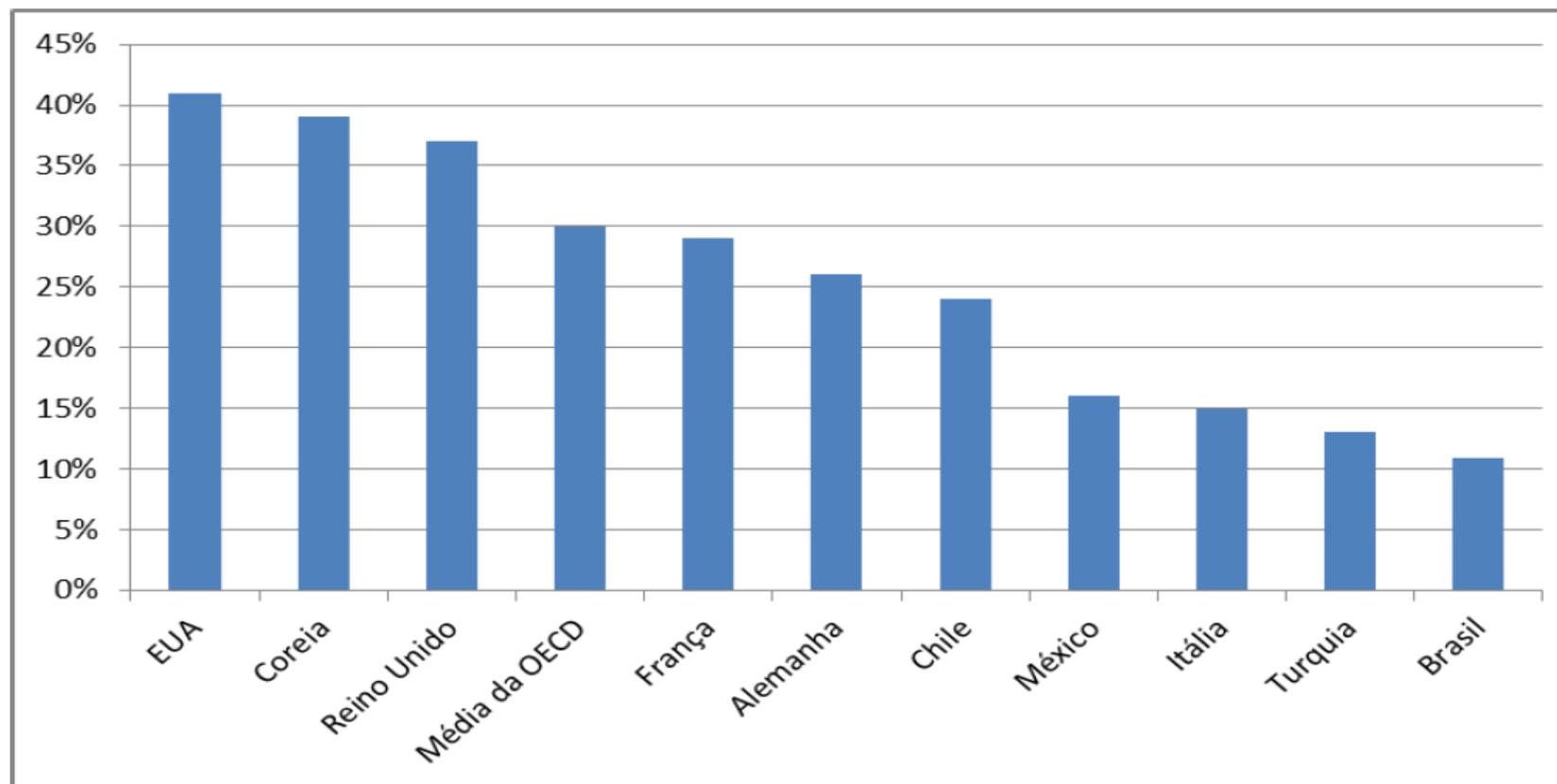


Avaliação no Ciclo da Política



O Mercado de Trabalho

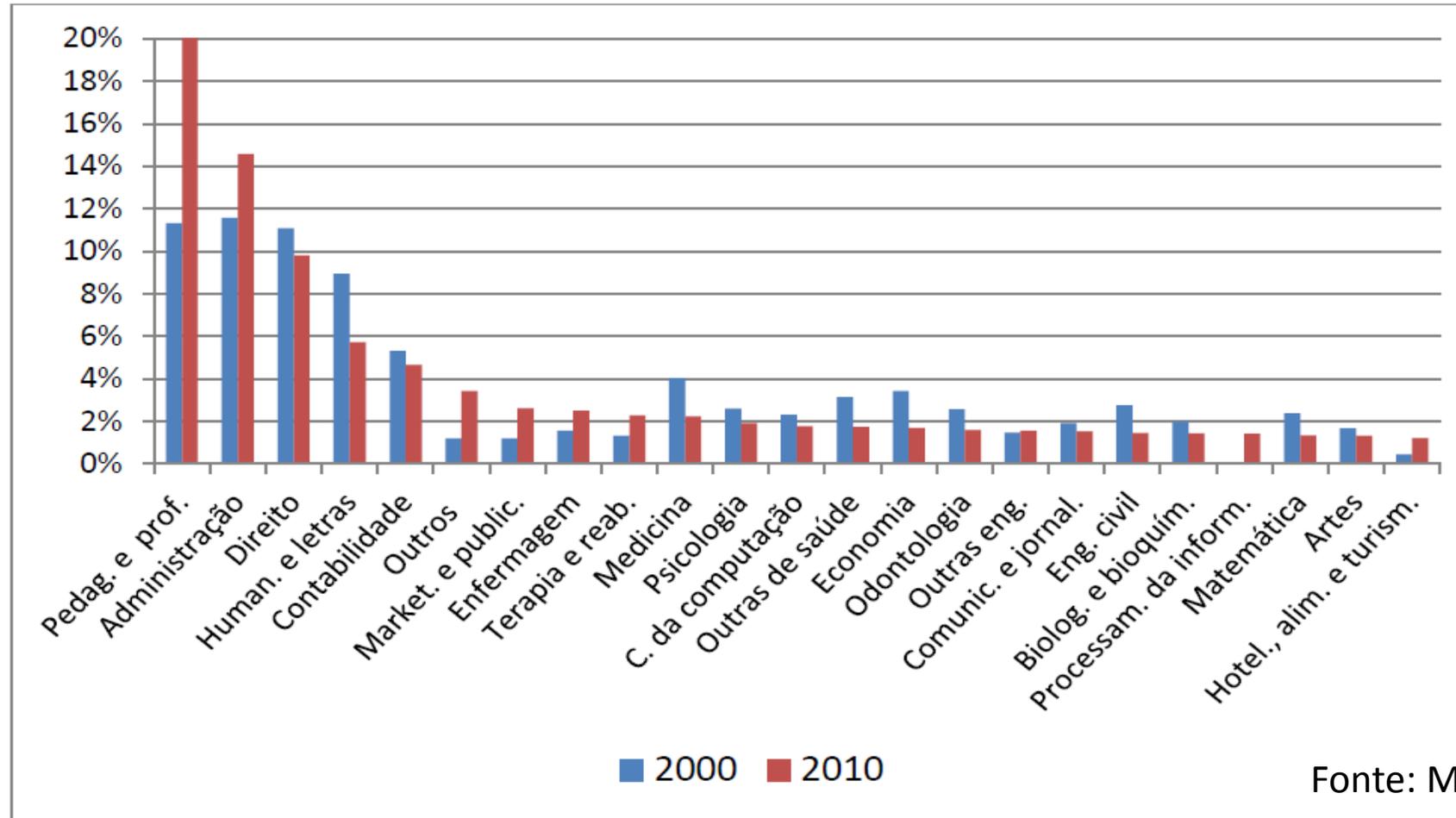
Figura 3 – Ensino Superior no Mundo- 2009



Fonte: OCDE (2009)

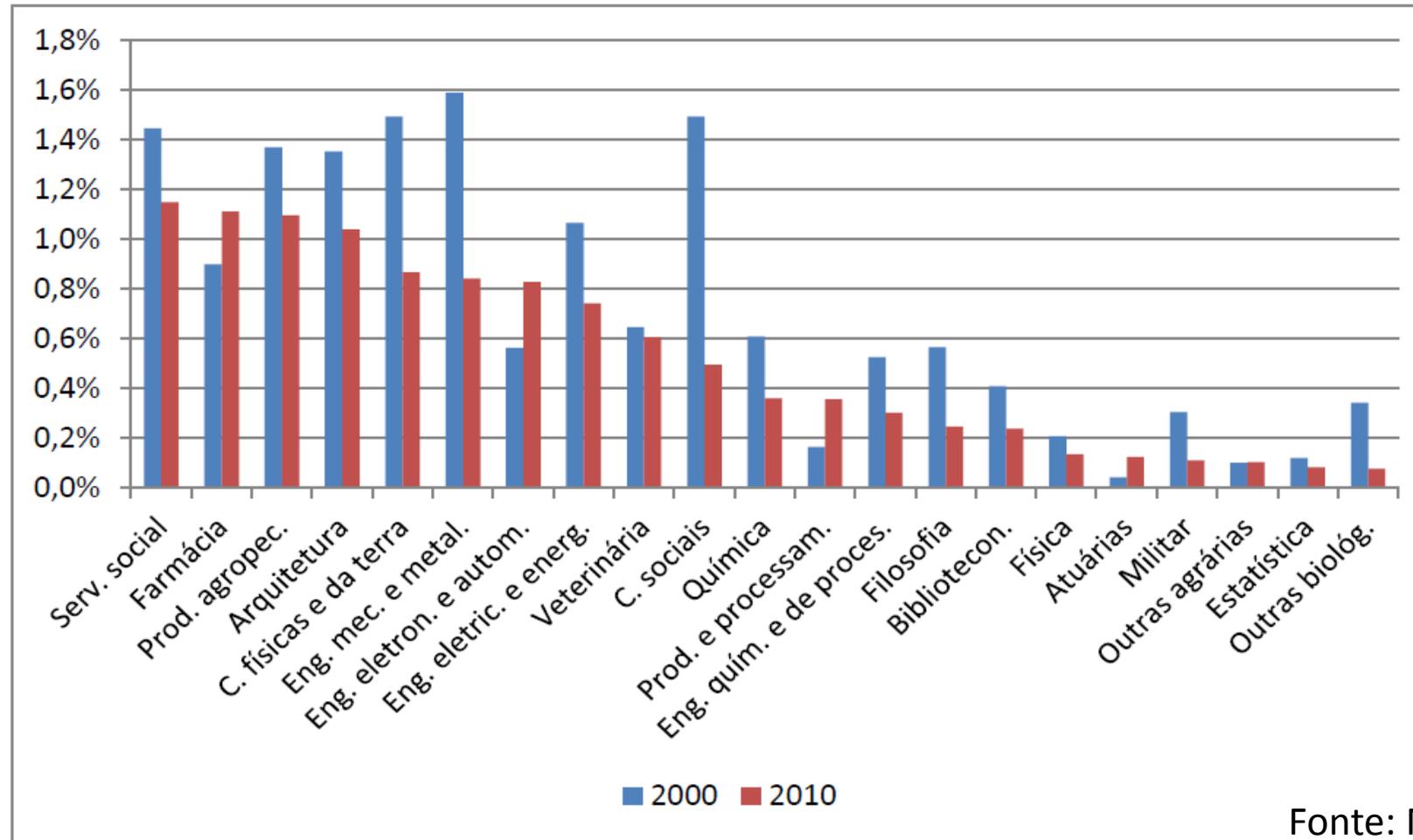
Fonte: Menezes Filho (2012)

Figura 8 - Distribuição dos graduados por área de formação (a)



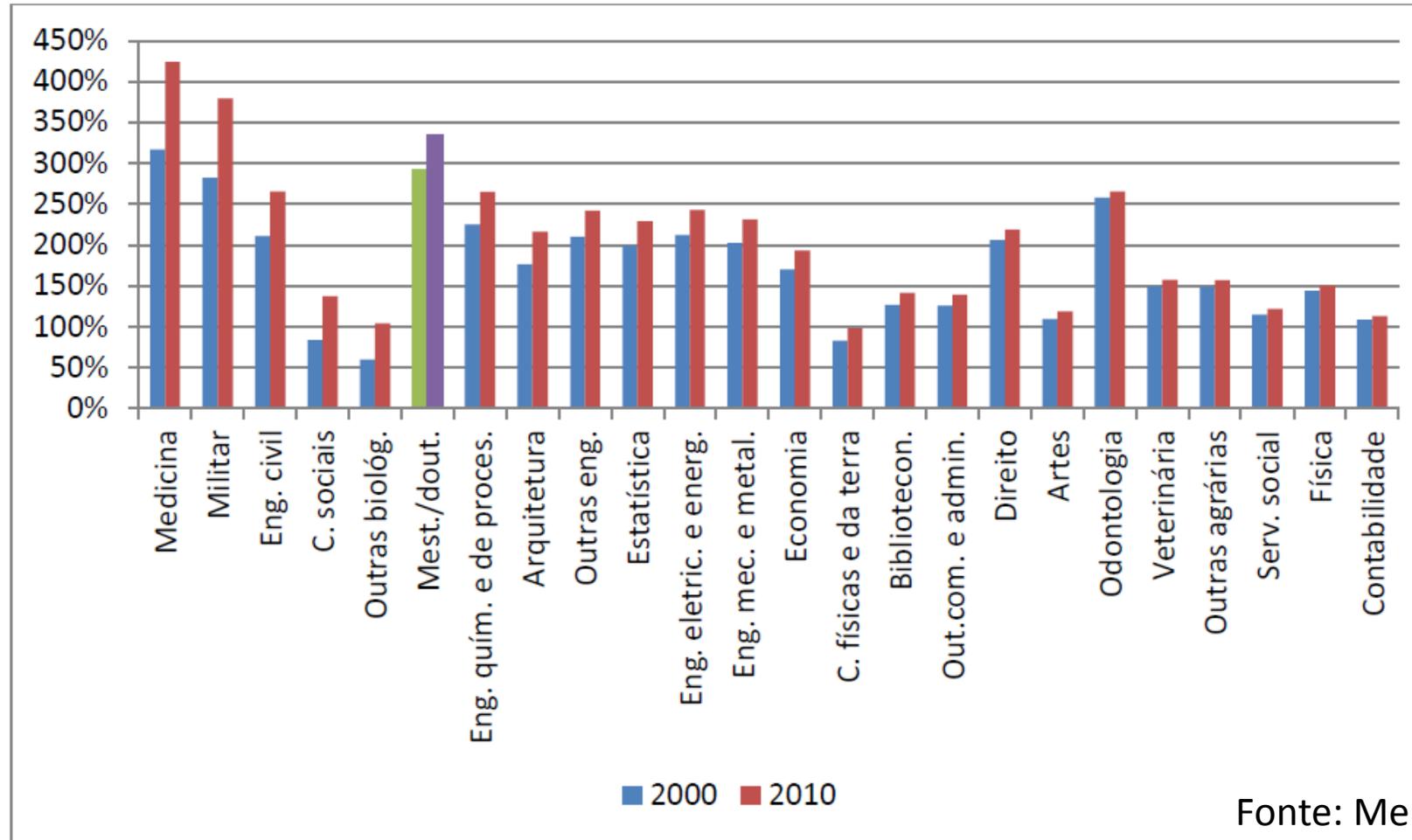
Fonte: Menezes Filho (2012)

Figura 9 - Distribuição dos graduados por área de formação (b)



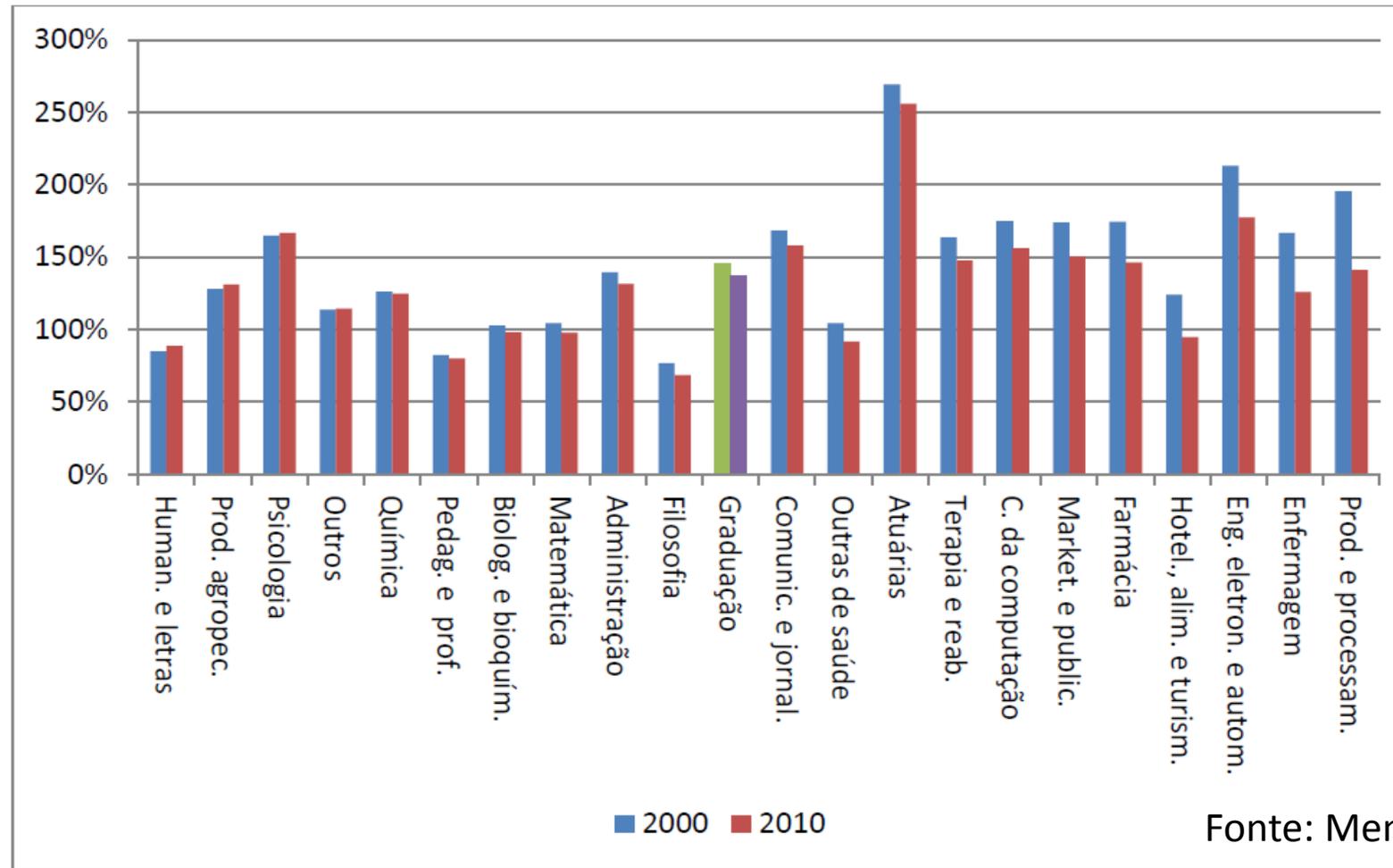
Fonte: Menezes Filho (2012)

Figura 5 - Diferenciais salariais controlados com relação ao ensino médio (a)



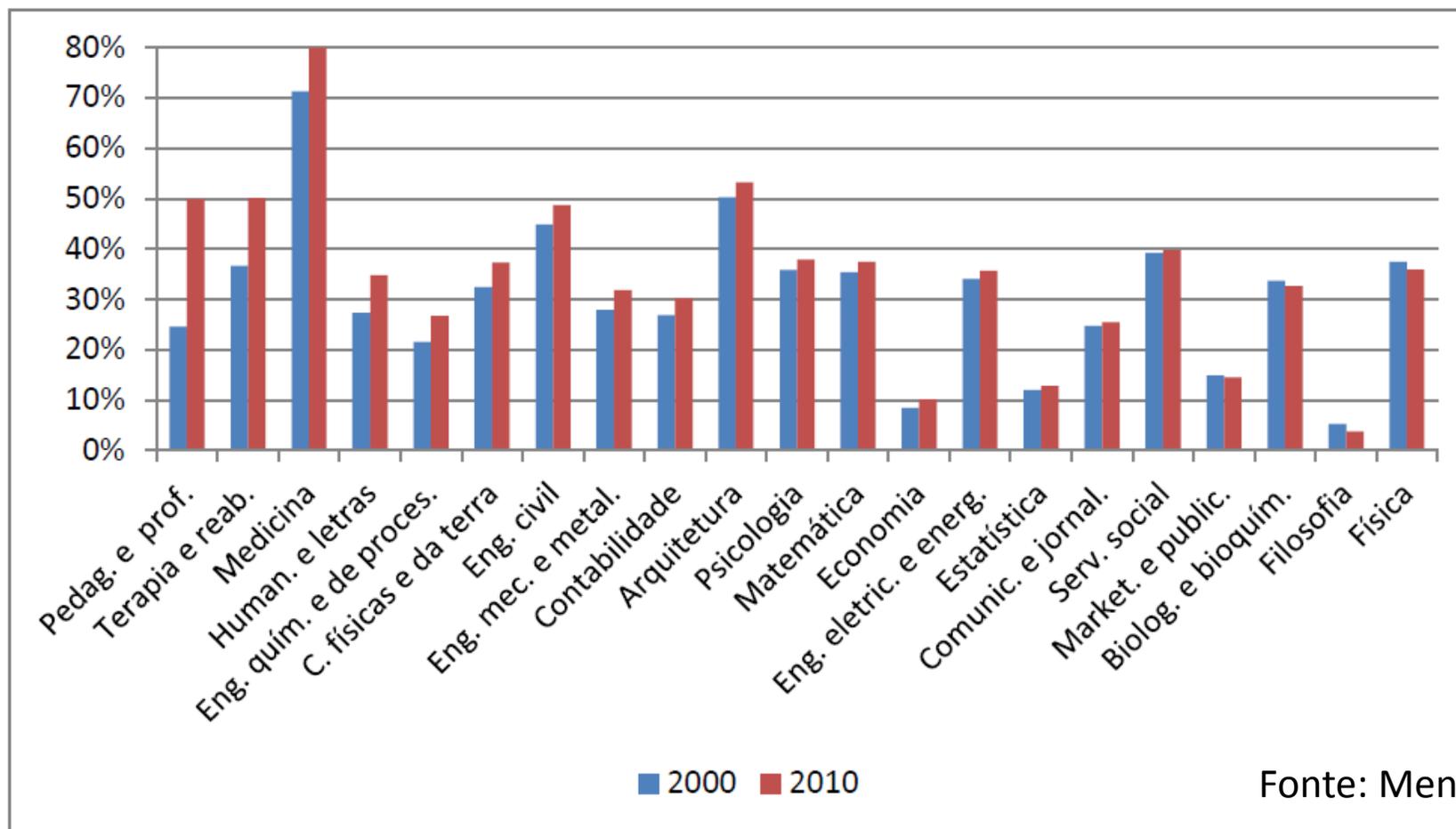
Fonte: Menezes Filho (2012)

Figura 6 - Diferencial salarial com relação ao ensino médio(b)



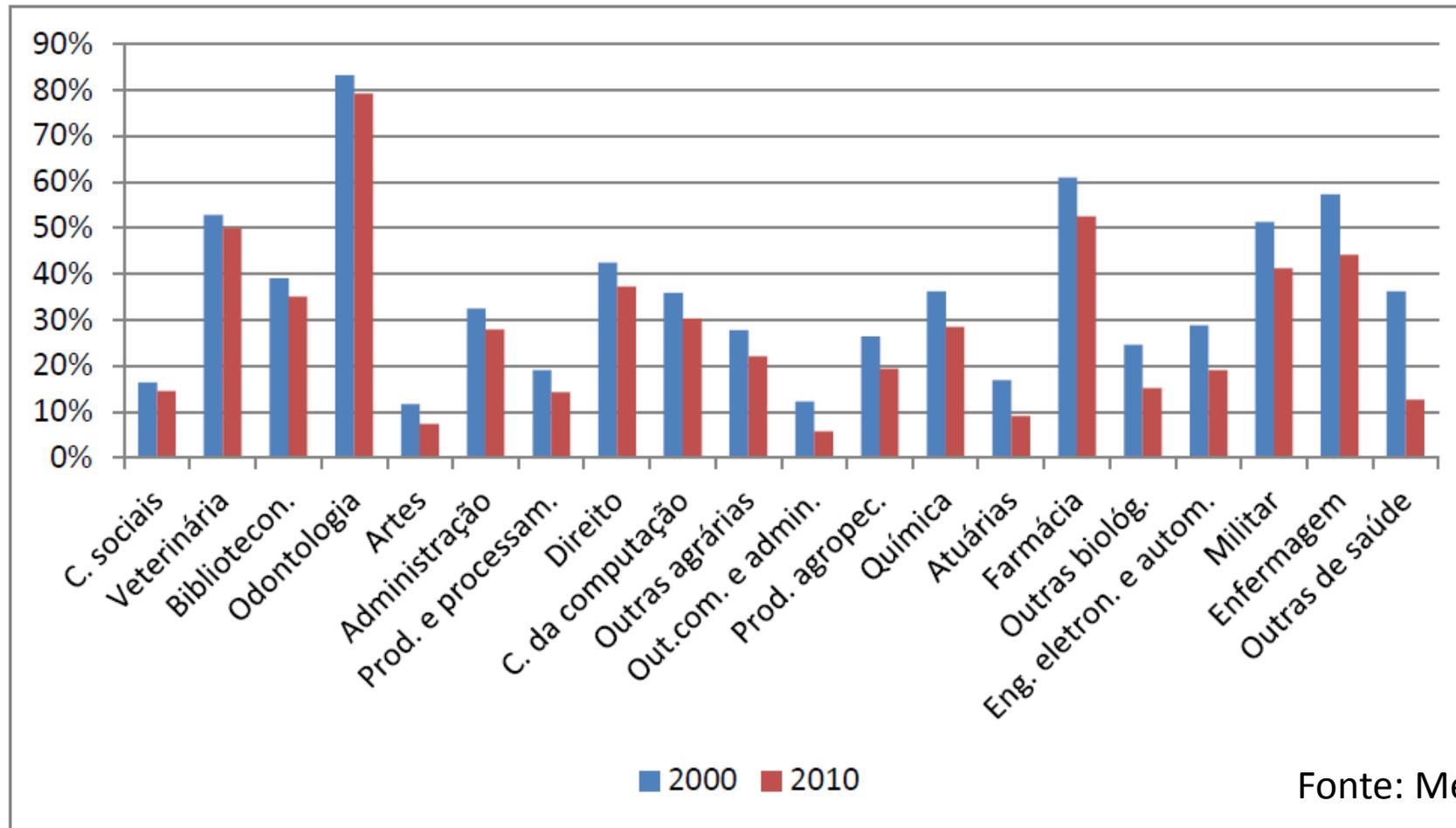
Fonte: Menezes Filho (2012)

Figura 8 - Trabalhadores em ocupações típicas (a)



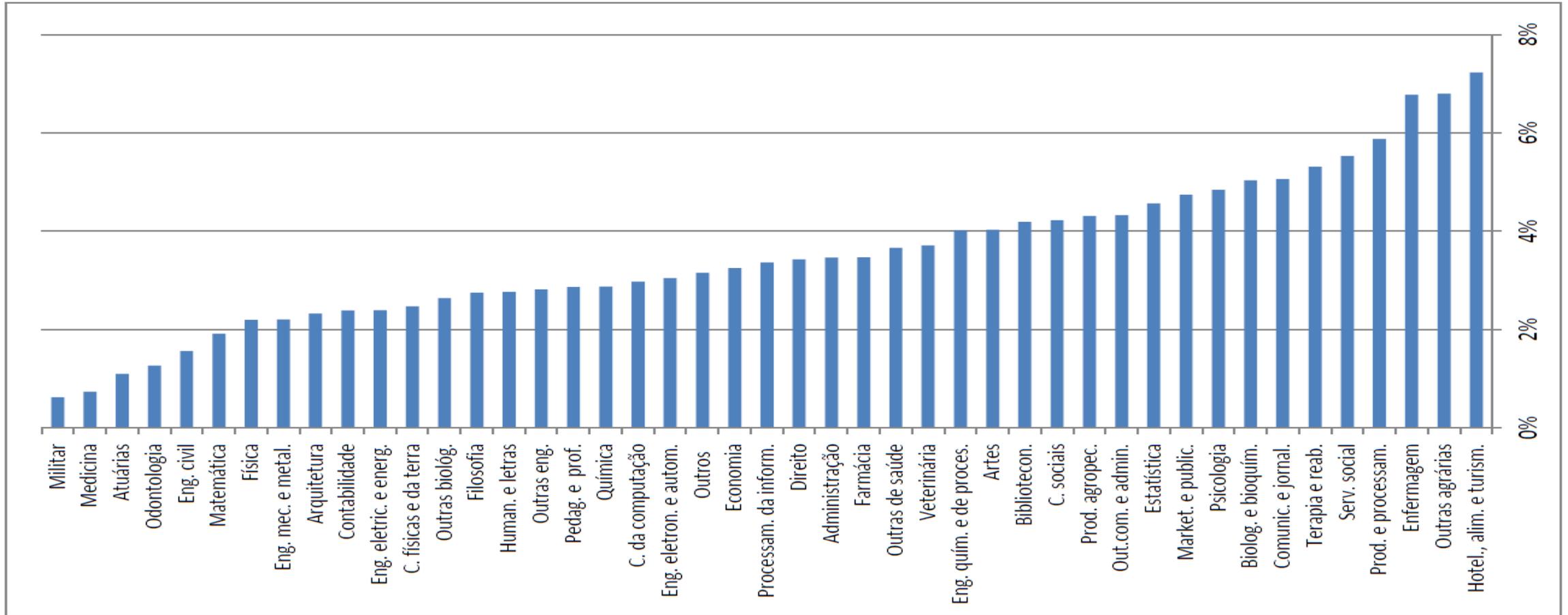
Fonte: Menezes Filho (2012)

Figura 9 - trabalhadores em ocupações típicas (b)



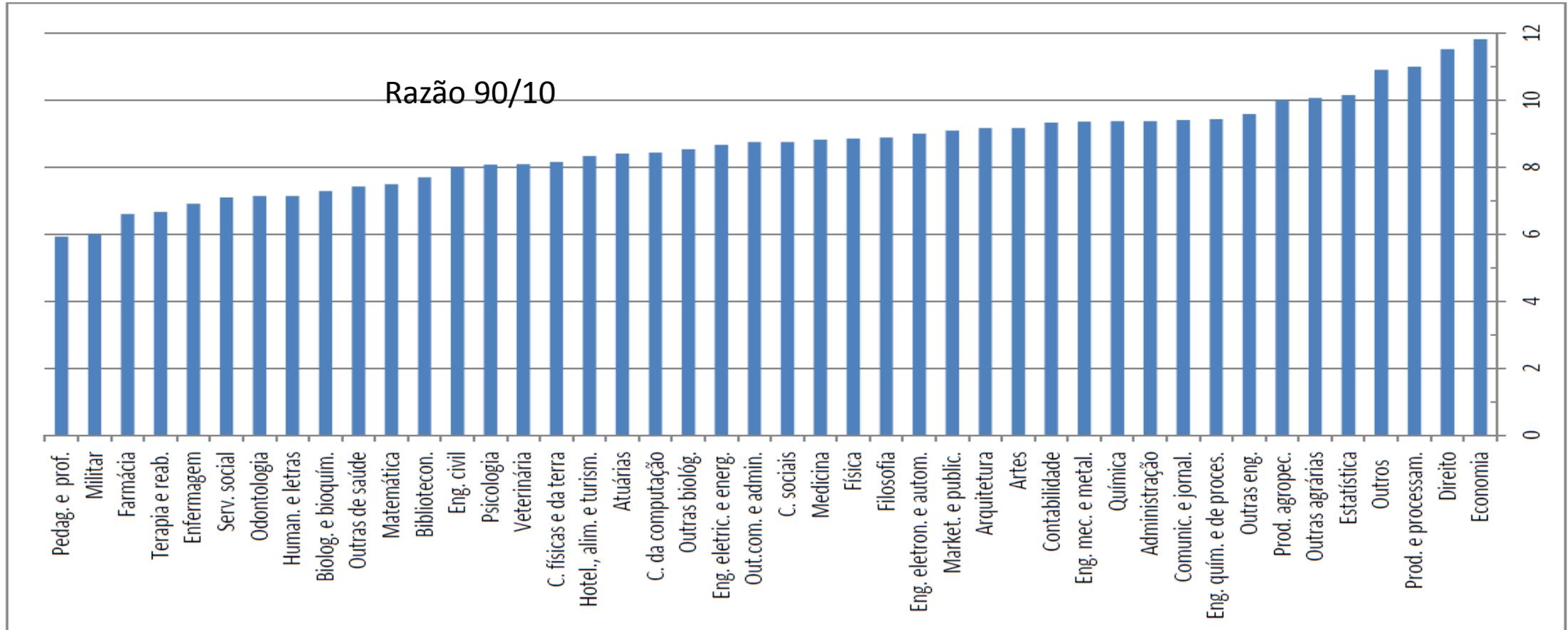
Fonte: Menezes Filho (2012)

Figura 18 - Taxa de desemprego - 2010



Fonte: Menezes Filho (2012)

Figura 20 - Desigualdade de renda dentro das Profissões



Fonte: Menezes Filho (2012)

Censo Populacional 2010

	Brasil	Paraíba	
População	190.755.799	3.766.528	
Ensino Superior	12.751.365	170.951	
Economista	207.870	3.181	
*Brasil			
Proporção de Economistas			
	Freq.	Percent	Cum.
Superior não economista	12.543.495	98,37	98,37
Economistas	207.870	1,63	100
Total	12.751.365	100	
*Paraíba			
	Freq.	Percent	Cum.
Superior não economista	167.769	98,14	98,14
Economistas	3.181	1,86	100
Total	170.951	100	

Censo Populacional 2010

	Brasil	Paraíba
Superior - Ativa	10.926.009	144.421
Superior - Ocupada	10.558.441	138.737
Economista - Ativa	172.854	2.495
Economista - Ocupada	167.310	2.335

Censo Populacional 2010

Brasil			
	Freq.	Percent	Cum.
Homens Economistas	126.451,88	60,83	60,83
Mulheres Economistas	81.417,84	39,17	100
Total	207.869,73	100	
Paraíba			
	Freq.	Percent	Cum.
Homens Economistas	1.626,99	51,14	51,14
Mulheres Economistas	1.554,16	48,86	100
Total	3.181,15	100	

Censo Populacional 2010

Brasil			
	Homem Economista	Mulheres Economista	Total
Pessoas não Ocupados	19.790	20.770	40.560
Pessoas ocupadas	106.662	60.647	167.310
Total	126.452	81.418	207.870
Paraíba			
	Homem Economista	Mulheres Economista	Total
Pessoas não Ocupados	351	495	846
Pessoas ocupadas	1.276	1.059	2.335
Total	1.627	1.554	3.181

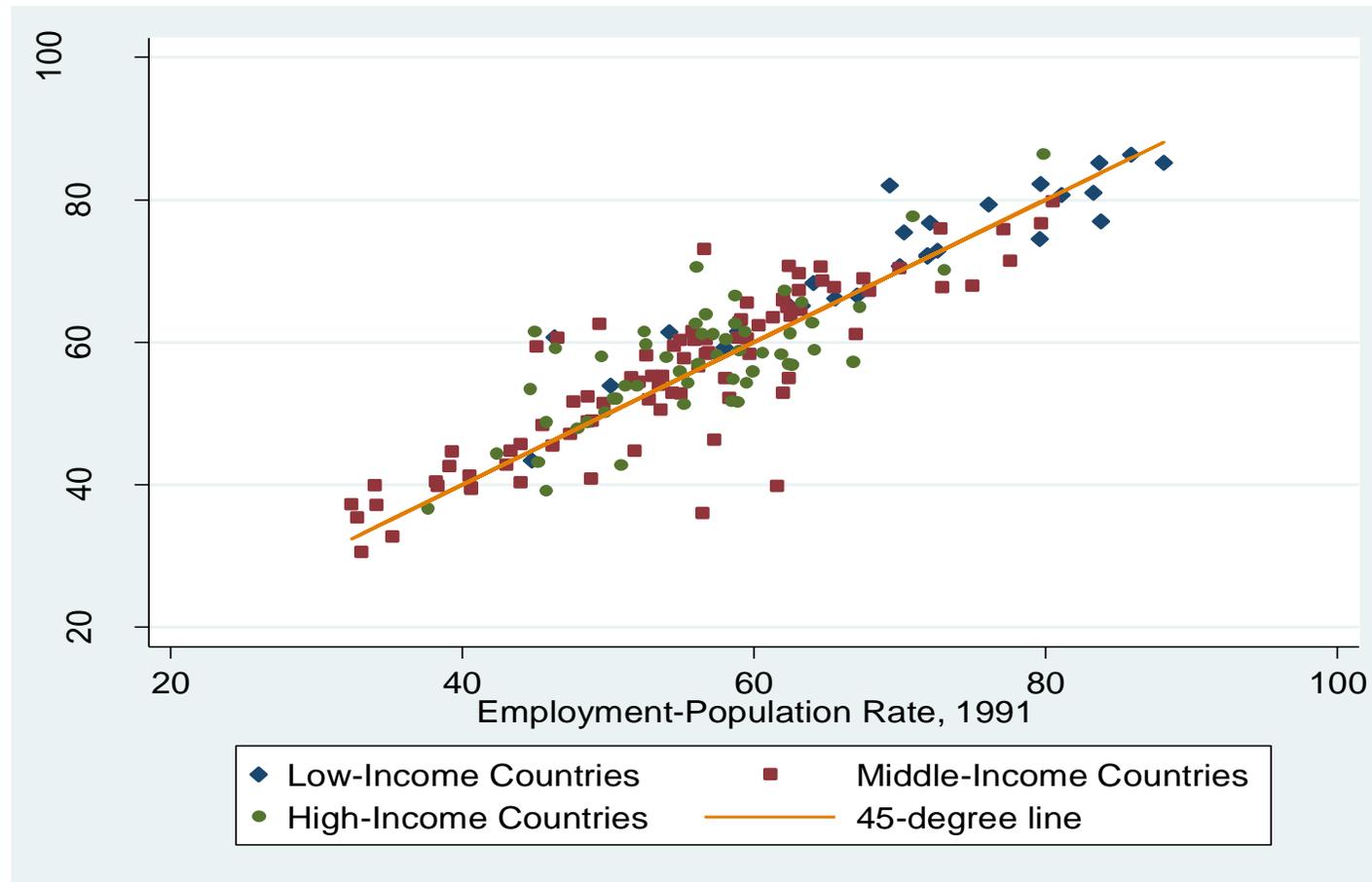
Média de Salários	Taxa de diferença de salários entre economistas e não economistas			
	Brasil	Paraíba	Brasil	Paraíba
Economistas	4857,25	3295,42	46,32%	26,08%
Não economistas com Ensino Superior	3319,70	2613,83		
Mulheres Economistas	3506,24	2223,23	41,51%	12,30%
Mulheres não economista com Ensino Superior	2477,70	1979,80		
Homens Economistas	5625,42	4185,93	27,43%	15,47%
Homens não economistas com Ensino Superior	4414,59	3625,03		

	Superior Completo		Economista	
	Brasil	Paraíba	Brasil	Paraíba
Empregados com carteira de trabalho assinada	5.262.913	50.241	89.347	887
Militares e funcionários públicos estatutários	2.105.473	46.443	22.480	720
Empregados sem carteira de trabalho assinada	905.521	20.045	9.802	191
Conta própria	1.696.850	16.127	29.741	342
Empregadores	524.449	5.002	14.949	166
Não remunerados	44.480	563	661	26
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	18.756	315	331	3
Total de ocupados	10.558.441	138.737	167.310	2.335

Globalização e tecnologia

- Inovação tecnológica e globalização interagem e influenciam o emprego no mundo em diferentes estagios de desenvolvimento
- Progresso tecnológico é um fenômeno antigo e afeta a estrutura de emprego, ocupações e tarefas
- Mudanças constantes mas não é o fim do trabalho
- Efeitos distributivos: Ganhadores e perdedores
- As perdas são específicas e localizadas, os ganhos são difusos e gerais

Taxa de Emprego por população em 2014 e 1991



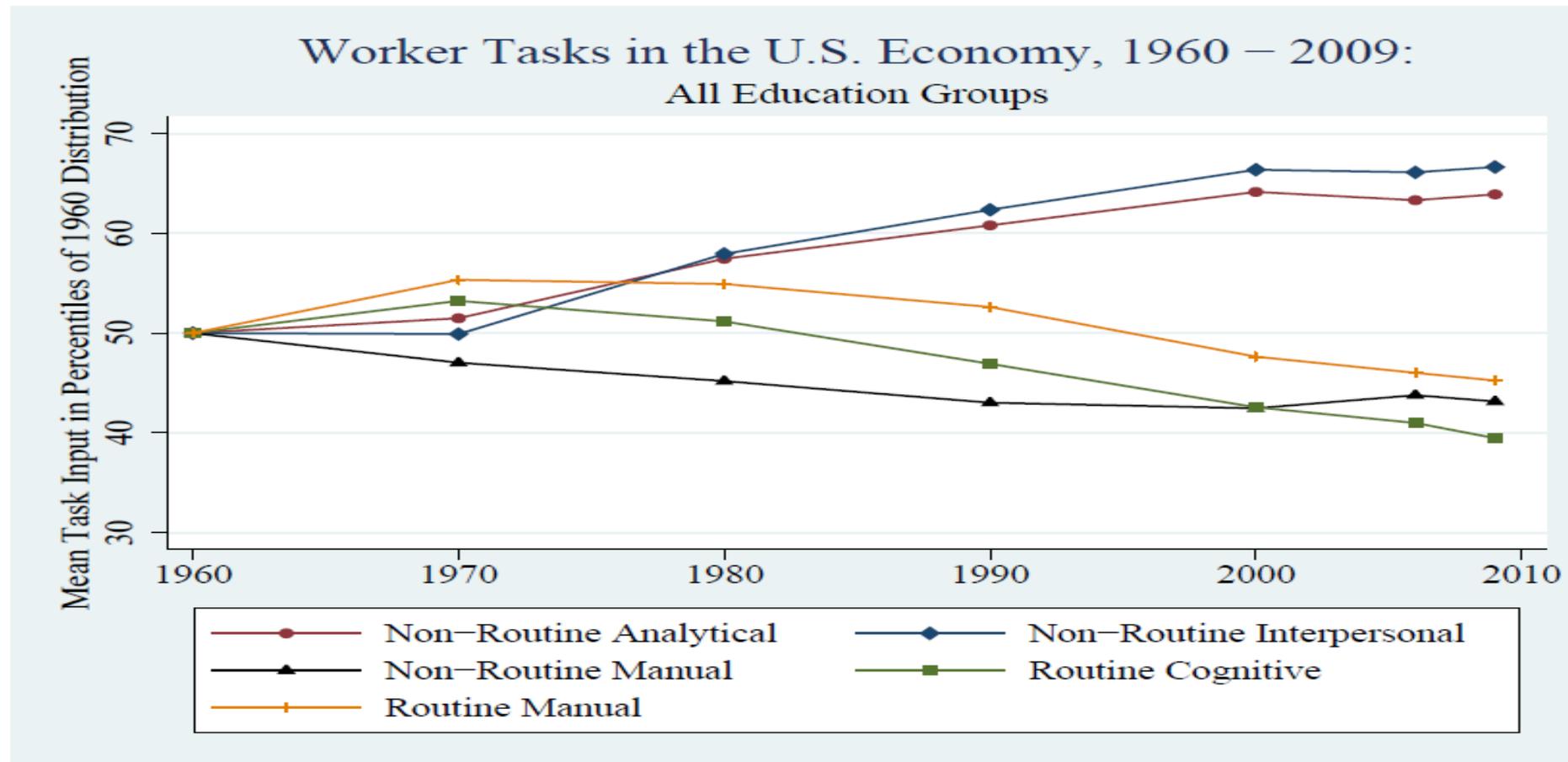
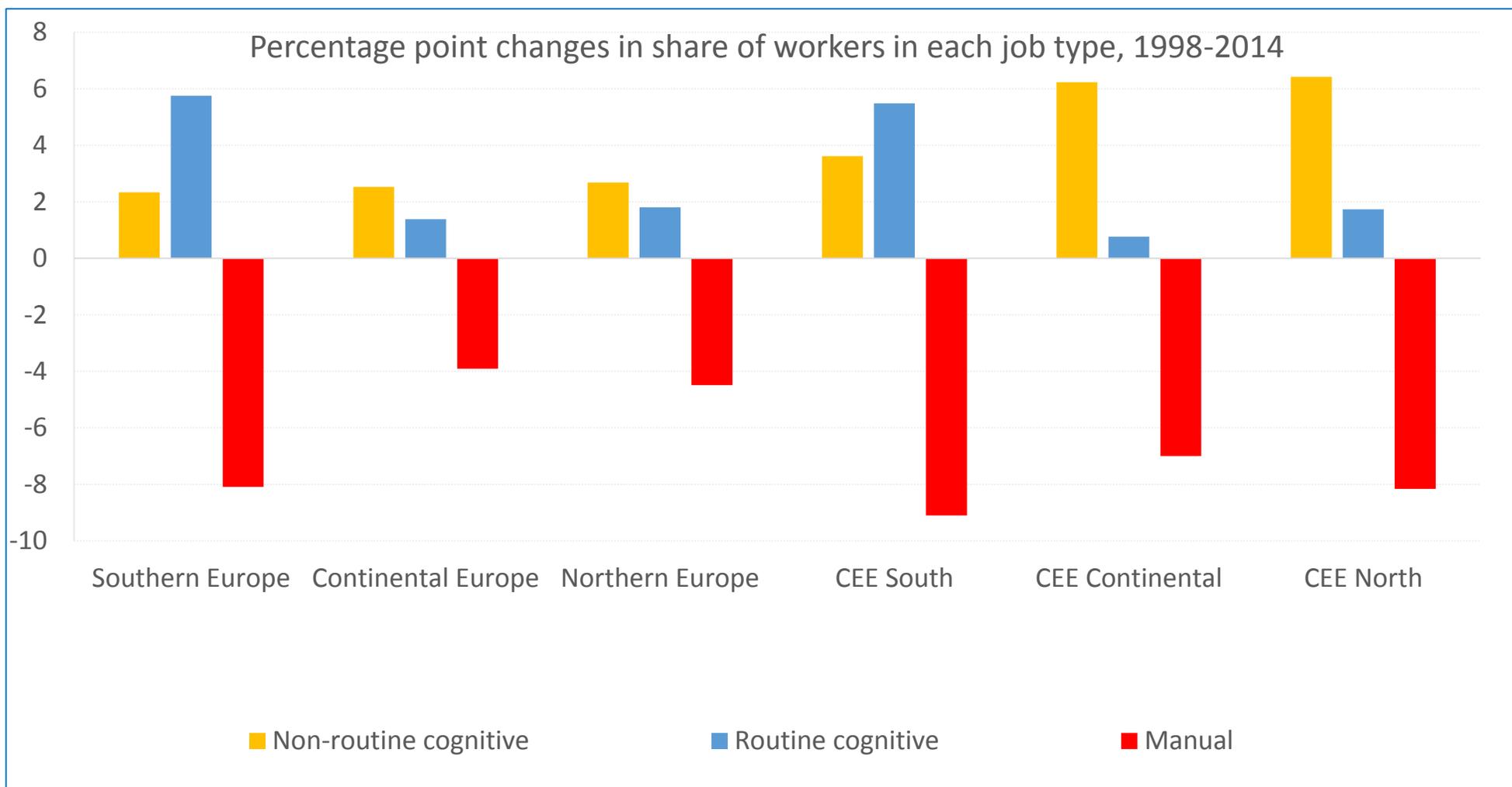


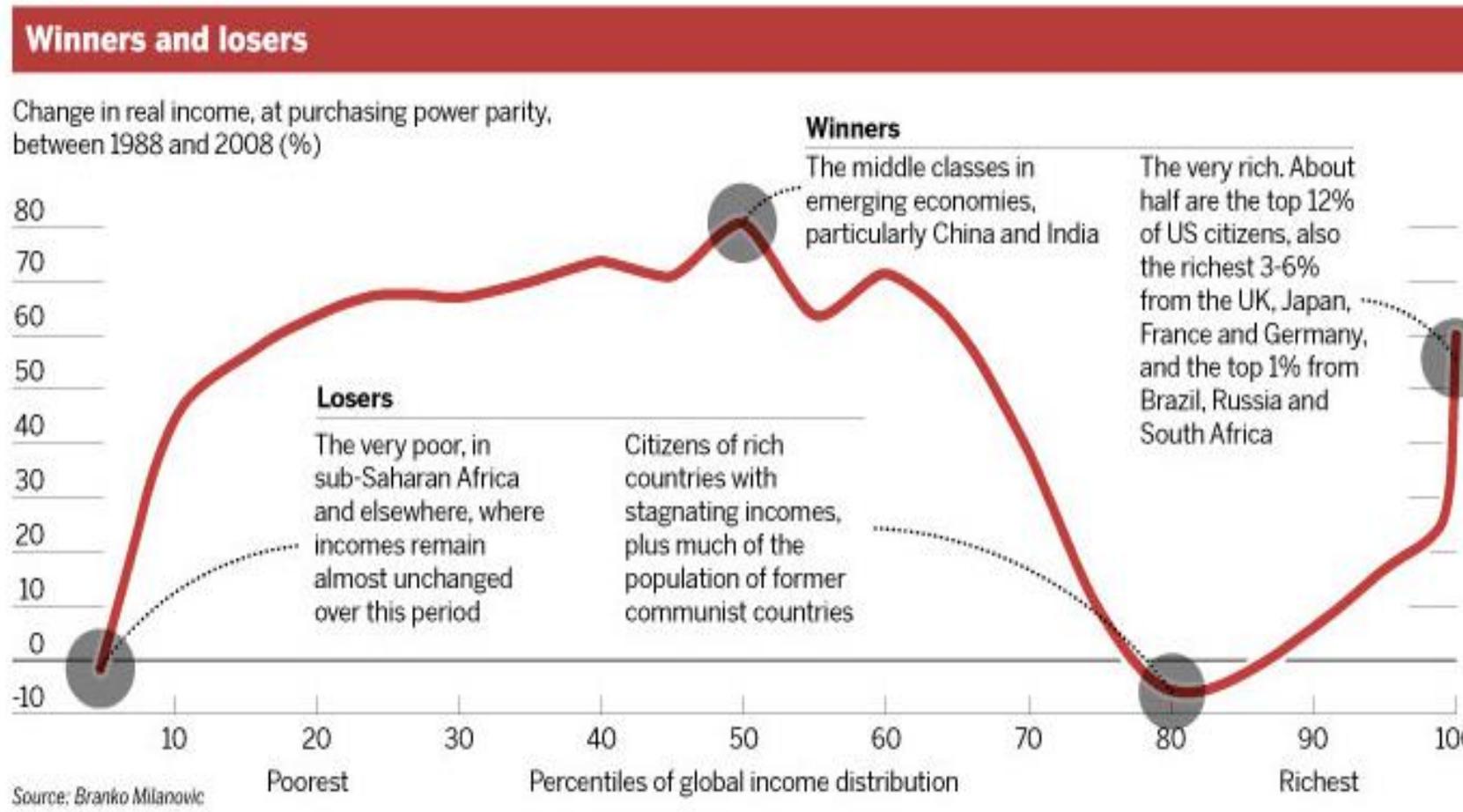
Figure 2. Replication and Extension of ALM Figure 1: 1960 - 2009

Desafios: Novos requerimentos para a força de trabalho



Source: Ridao-Cano and Bodewig (2018)

Figure 2: Winners and Losers Globally, 1988-2008 (Milanovic, 2016)



Considerações Finais

1. O Papel do Economista Visto por Economistas
2. O Mercado de Trabalho do Economista Através dos Censos Demográficos
3. O Futuro do Mercado de Trabalho